



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS

LAYS GABRIELLY DE SOUSA SILVA

**O PAPEL DO FARMACÊUTICO NA PROMOÇÃO DO USO RACIONAL DE
MEDICAMENTOS ANTIFÚNGICOS PARA VULVOVAGINITES:
Uma Revisão Integrativa**

RECIFE

2024

LAYS GABRIELLY DE SOUSA SILVA

**O PAPEL DO FARMACÊUTICO NA PROMOÇÃO DO USO RACIONAL DE
MEDICAMENTOS ANTIFÚNGICOS PARA VULVOVAGINITES:
Uma Revisão Integrativa**

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em
Farmácia do Centro de Ciências da Saúde da
Universidade Federal de Pernambuco como
requisito para a obtenção do Título de Bacharel
em Farmácia

Orientadora: Prof.^a Dra. Rosali Maria Ferreira
da Silva

RECIFE

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Lays Gabrielly de Sousa.

O PAPEL DO FARMACÊUTICO NA PROMOÇÃO DO USO RACIONAL
DE MEDICAMENTOS ANTIFUNGICOS PARA VULVOVAGINITES: Uma
Revisão Integrativa / Lays Gabrielly de Sousa Silva. - Recife, 2024.

41 p. : il., tab.

Orientador(a): Rosali Maria Ferreira da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Ciências da Saúde, Farmácia - Bacharelado, 2024.

Inclui referências.

1. vulvovaginite. 2. atenção farmacêutica. 3. saúde da mulher. 4. uso
racional de medicamentos. 5. antifúngicos. . I. Silva, Rosali Maria Ferreira da.
(Orientação). II. Título.

610 CDD (22.ed.)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS
CURSO DE BACHARELADO EM FARMÁCIA



Aprovada em: 11/10/2024.

BANCA EXAMINADORA

Rosali Maria Ferreira da Silva

Profa. Dra. Rosali Maria Ferreira da Silva
(Presidente e Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Maria Jose Cristiane Da Silva

Ma. Maria José Cristiane da Silva
(Examinadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Alana Mara Calou De Araujo

Dra. Alana Mara Calou de Araújo
(Examinadora)
Farmácia Escola Carlos Drummond de Andrade

Amanda Correia da Silva Barros
(Suplente)
Universidade Federal de Pernambuco.

Página de assinaturas

Assinado eletronicamente

Rosali Silva
Signatário



Alana Araujo
Signatário

Assinado eletronicamente

Maria Silva
Signatário

HISTÓRICO

- 11 out 2024** 12:53:12  **Rosali Maria Ferreira da Silva** criou este documento. (Email: rosali.silva@ufpe.br)
- 11 out 2024** 12:53:13  **Rosali Maria Ferreira da Silva** (Email: rosali.silva@ufpe.br) visualizou este documento por meio do IP 150.161.233.214 localizado em Recife - Pernambuco - Brazil
- 11 out 2024** 12:53:16  **Rosali Maria Ferreira da Silva** (Email: rosali.silva@ufpe.br) assinou este documento por meio do IP 150.161.233.214 localizado em Recife - Pernambuco - Brazil
- 11 out 2024** 13:22:05  **Maria Jose Cristiane Da Silva** (Email: jose.cristiane@ufpe.br) visualizou este documento por meio do IP 189.40.103.52 localizado em Recife - Pernambuco - Brazil
- 11 out 2024** 13:22:10  **Maria Jose Cristiane Da Silva** (Email: jose.cristiane@ufpe.br) assinou este documento por meio do IP 189.40.103.52 localizado em Recife - Pernambuco - Brazil
- 11 out 2024** 13:13:05  **Alana Mara Calou De Araujo** (Email: alanacalou@gmail.com) visualizou este documento por meio do IP 150.161.96.216 localizado em Recife - Pernambuco - Brazil
- 11 out 2024** 13:13:09  **Alana Mara Calou De Araujo** (Email: alanacalou@gmail.com) assinou este documento por meio do IP 150.161.96.216 localizado em Recife - Pernambuco - Brazil



Dedico todo e qualquer sucesso meu, aos meus queridos e amados pais, Célio e Ciana, que, diante de muitas dificuldades, proporcionaram-me grandes oportunidades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me mantido na trilha certa, com saúde e forças para chegar até aqui.

Aos meus pais Fabriciana e Célio, que sempre estiveram ao meu lado me apoiando ao longo de toda a minha vida.

Também agradeço a meus irmãos Larissa e William, que sempre me ajudaram com suas experiências.

Agradeço a minha orientadora Prof.^a Dra. Rosali Maria Ferreira da Silva, por aceitar conduzir o meu trabalho.

A meu namorado Rhuann, pela compreensão e paciência demonstrada durante toda minha jornada.

A todos os meus professores do curso de Farmácia da Universidade Federal de Pernambuco, pela excelência da qualidade técnica de cada um.

Aos meus familiares, que sempre me apoiaram.

Aos meus colegas e amigos, que a faculdade me proporcionou conhecer.

A todos, que contribuíram direta ou indiretamente para realização desse trabalho, minha sincera gratidão.

Me sinto realizada em ter chegado ao fim dessa jornada, para honra e glória de Jesus.

“Há medicamentos para toda a espécie de doenças, mas, se esses medicamentos não forem dados por mãos bondosas, que desejam amar, não será curada a mais terrível das doenças: a doença de não se sentir amado.”

Madre Teresa de Calcutá

RESUMO

Visando o fortalecimento e promoção da atuação do farmacêutico no âmbito da saúde da mulher, o presente trabalho abordou de forma abrangente os aspectos relacionados ao uso irracional de medicamentos antifúngicos no tratamento de vulvovaginites, com base na compreensão da significativa prevalência desta condição na população feminina, abordando o fundamental papel deste profissional no que se refere à dispensação desses medicamentos. Para tal, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, por meio de uma revisão integrativa da literatura existente. A coleta de artigos foi realizada no período de janeiro de 2019 a dezembro de 2023, com o intuito de abranger amplamente o espectro de publicações disponíveis acerca do tema em questão. Diante da situação apresentada, foi possível evidenciar a importância das atividades de orientação e educação por meio do profissional farmacêutico, as quais são essenciais para garantir o uso apropriado de antifúngicos no tratamento de mulheres com vulvovaginites. Além disso, também foram abordadas variáveis a respeito da automedicação e do uso irracional destas substâncias, como, por exemplo, ausência de orientação profissional, buscas por alívio dos sintomas e facilidade de acesso. Os resultados obtidos, por sua vez, demonstraram que o farmacêutico possui um papel ativo no combate ao uso irracional de antifúngicos, promovendo não apenas a diminuição da resistência microbiana, mas também a saúde da mulher de maneira completa. Neste sentido, a pesquisa salienta a importância de práticas profissionais para o farmacêutico uma vez este identificado como agente ativo de cuidado seguro e eficaz das mulheres com vulvovaginites. Diante disso, conclui-se que a ação farmacêutica no acompanhamento das pacientes com vulvovaginites é de extrema relevância para garantir o uso racional destes medicamentos, além de evitar possíveis complicações relacionadas ao uso indiscriminado destes. Esta iniciativa também impacta de maneira positiva a qualidade de vida das mulheres, propiciando uma assistência mais integral e humanizada à saúde feminina. Com isso, a pesquisa colabora para uma maior reflexão acerca do papel do farmacêutico no âmbito da saúde da mulher.

Palavras-chave: vulvovaginite, atenção farmacêutica, saúde da mulher, uso racional de medicamentos, antifúngicos.

ABSTRACT

Aiming to strengthen and promote the role of pharmacists in women's health, this study comprehensively addressed aspects related to the irrational use of antifungal drugs in the treatment of vulvovaginitis, based on the understanding of the significant prevalence of this condition in the female population, addressing the fundamental role of this professional in the dispensing of these drugs. To this end, qualitative research was carried out, through an integrative review of the existing literature. The collection of articles was carried out from January 2019 to December 2023, in order to broadly cover the spectrum of publications available on the topic in question. Given the situation presented, it was possible to highlight the importance of guidance and education activities through the pharmacists, which are essential to ensure the appropriate use of antifungals in the treatment of women with vulvovaginitis. In addition, variables regarding self-medication and irrational use of these substances were also addressed, such as lack of professional guidance, seeking relief from symptoms, and ease of access. The results obtained, in turn, demonstrated that pharmacists play an active role in combating the unregulated use of antifungals, promoting not only the reduction of microbial resistance, but also the comprehensive health of women. In this sense, the research highlights the importance of professional practices for pharmacists, since they are identified as active agents in the safe and effective care of women with vulvovaginitis. In view of this, it is concluded that pharmaceutical action in monitoring patients with vulvovaginitis is extremely important to ensure the rational use of these medications, in addition to avoiding possible complications related to their indiscriminate use. This initiative also positively impacts women's quality of life, providing more comprehensive and humanized care in women's health. Thus, the research contributes to greater reflection on the role of pharmacists in the context of women's health.

Keywords: vulvovaginitis, pharmaceutical care, women's health, rational use of medicines, antifungals.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fluxograma da seleção dos artigos incluídos na revisão integrativa	26
Quadro 1 – Artigos selecionados	27
Figura 2 - Medidas não farmacológicas para alívio dos sintomas das vulvovaginites segundo Santos e Lage (2022)	33
Gráfico 1 – Porcentagem das amostras com presença ou ausência de Leveduras ou pseudo-hifas no estudo de Arechavalaa <i>et. al.</i> , 2021	29
Gráfico 2 – Porcentagem das amostras com presença ou ausência de <i>Candida</i> no estudo de Arechavalaa <i>et. al.</i> , 2021	29
Gráfico 3 – Porcentagem dos agentes etiológicos encontrados nas amostras do estudo de Alves <i>et. al.</i> , 2020.....	30
Quadro 2 – Resumo das informações mais relevantes trazidas pelos autores Santos e Lage, 2022; Almeida e Miranda, 2020; Menz <i>et. al.</i> 2020; Melatti e Schiavenin, 2023; Silva <i>et. al.</i> , 2019.....	32

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados passíveis de comparação entre os estudos: Perfil epidemiológico das usuárias com vulvovaginites atendidas no Ambulatório Escola do ITPAC - Porto Nacional (Rodrigues <i>et. al.</i> , 2023) e Prevalência de vulvovaginites em mulheres da zona rural (Rodrigues <i>et. al.</i> , 2022)	29
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIFARMA - Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas

CVV - Candidíase Vulvovaginal

CVVR - Candidíase Vulvovaginal de Repetição

DeCS - Descritores em Ciências da Saúde

FAPAC - Faculdade Presidente Antônio Carlos

IST - Infecções Sexualmente Transmissíveis

LACT - Laboratório de Análises Clínicas e Toxicológicas

MS - Ministério da Saúde

OMS - Organização Mundial de Saúde

PNAUM - Pesquisa Nacional Sobre Acesso, Utilização e Promoção do Uso Racional de

PubMed - *National Library of Medicine*,

RDC - Resolução da Diretoria Colegiada

SciELO - *Scientific Electronic Library Online*

SUS - Sistema Único de Saúde

UFRGS - Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

V.o - Via Oral

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
1.1	OBJETIVOS.....	18
1.1.1	Objetivo Geral:	18
1.1.2	Objetivos Específicos:	18
2	REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1	USO IRRACIONAL DE MEDICAMENTOS.....	19
2.1.1	Definição.....	19
2.1.2	Fatores contribuintes.....	19
2.1.3	Consequências	20
2.1.4	Automedicação em relação a vulvovaginites	20
2.2	ANTIFÚNGICOS.....	21
2.2.1	Definição.....	21
2.2.2	Classificação	21
2.2.2.1	Azóis	21
2.2.2.2	Polienos	21
2.2.3	Uso de antifúngicos no tratamento de vulvovaginites.....	21
2.2.4	Riscos do uso irracional de antifúngicos no tratamento de vulvovaginites	22
2.2.4.1	Desenvolvimento de Resistência.....	23
2.2.4.2	Efeitos Adversos	23
2.3	ATUAÇÃO DO FARMACÊUTICO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAUDE 23	
2.3.1	Definição.....	23
2.3.2	Farmacêutico na saúde da mulher	24
2.4	FARMACÊUTICO NA MITIGAÇÃO DO USO INDISCRIMINADO DE ANTIFÚNGICOS NO TRATAMENTO DAS VULVOVAGINITES.....	24
3	MATERIAIS E MÉTODOS	25
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	26
4.1	AUTOMEDICAÇÃO ENTRE MULHERES NO USO DE ANTIFÚNGICOS PARA O TRATAMENTO DE VULVOVAGINITES	28
4.1.1	Perfil das pacientes	28
4.1.2	Agente etiológico da vulvovaginite	29
4.1.3	Automedicação e tratamentos utilizados.....	31
4.2	CONSEQUÊNCIAS DO USO INADEQUADO DE ANTIFÚNGICOS.....	32
4.3	O PAPEL DO FARMACÊUTICO NA PROMOÇÃO DO USO CONSCIENTE DE MEDICAMENTOS NO TRATAMENTO DAS VULVOVAGINITES	33

	4.3.1 Estratégias Propostas para Fortalecer a Atuação Farmacêutica.....	37
5	CONCLUSÃO.....	38
	REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

A saúde da mulher é uma área de significativa importância e complexidade, que abrange diversos aspectos relacionados ao seu bem-estar físico e emocional (Coelho *et al.*, 2009). Nos últimos anos, com a implementação de políticas públicas, como o Plano Nacional de Política para as Mulheres, apresentado pelo governo brasileiro em 2013, os cuidados com a saúde íntima da mulher têm ganhado destaque (Pasqual, Carvalhaes e Parada, 2015).

Mulheres sofrem constantemente com enfermidades que acometem o aparelho genital feminino, recorrendo a diversos tipos de tratamentos farmacológicos (Santos e Lage, 2022). Entre os desafios enfrentados, as vulvovaginites são particularmente significativas; elas se caracterizam como uma condição em que o trato genital inferior, incluindo a vulva, a vagina e o epitélio escamoso do colo do útero, são afetados e define-se como uma manifestação inflamatória e/ou infecciosa, causada principalmente por fungos, bactérias ou vírus (Rodrigues *et al.*, 2022).

Dentre as principais causas da vulvovaginite, as infecções fúngicas configuram-se como as principais causadoras desse tipo de transtorno. Em especial, a candidíase vulvovaginal (CVV) é a infecção fúngica mais comum da vulva e da vagina, afetando quase 75% das mulheres durante suas vidas (Araujo e Coutinho, 2023). A candidíase é responsável por 20 a 25% dos casos de vulvovaginites; a tricomoníase por 15 a 20% e as não infecciosas de 5 a 10% (Alves *et al.*, 2021).

Apesar da principal causa ser fúngica, o uso inadequado de antifúngicos para o tratamento de vulvovaginites tem se tornado um problema crescente. Isso ocorre porque o tratamento das pacientes acometidas com a patologia geralmente se inicia sem diagnóstico laboratorial e sem confirmação do agente etiológico (Soares *et al.*, 2018). A busca por alívio imediato diante de sintomas desconfortáveis, a facilidade de acesso a esses medicamentos e, em alguns casos, a relutância em buscar aconselhamento profissional devido a constrangimentos sociais ou falta de recursos financeiros são fatores que levam as mulheres à automedicação (Matos *et al.*, 2018).

Nesse cenário, o farmacêutico adquire um papel de alta relevância na abordagem desse desafio. Como profissional de saúde acessível e capacitado, o farmacêutico desempenha um papel central na orientação adequada das pacientes, a fim de assegurar a utilização dos medicamentos de forma consciente e eficaz (Vidotti e Silva, 2006). Ao estar diretamente

envolvido na dispensação de medicamentos, esse profissional tem a oportunidade única de fornecer informações detalhadas sobre as opções terapêuticas disponíveis. Sua presença nas farmácias e estabelecimentos de saúde permite a criação de uma relação próxima com as pacientes, possibilitando a educação sobre a importância do consumo consciente desses medicamentos (Angonesi e Sevalho, 2010).

Ao incentivar práticas de consumo responsável, o farmacêutico contribui não apenas para o sucesso do tratamento individual, mas também desempenha um papel estratégico na mitigação da resistência antimicrobiana em larga escala (Almeida e Miranda, 2020). Além disso, protagonizam um papel importante na saúde da mulher, que apresenta necessidades de saúde específicas e frequentemente é responsável pela gestão de medicamentos em suas famílias. Assim, a capacitação adequada por parte dos farmacêuticos é crucial para evitar o uso inadequado de medicamentos (Almeida *et. al.*, 2019).

Com isso, o presente trabalho tem por objetivo central analisar o impacto das ações farmacêuticas no incentivo ao uso consciente de medicamentos utilizados na saúde da mulher, especificamente, no tratamento das vulvovaginites. Mais precisamente, pretende-se compreender como a atuação clínica do farmacêutico pode impactar as práticas do uso racional de antifúngicos no tratamento das vulvovaginites e quais são os desafios e oportunidades associados a essa área.

1.1 OBJETIVOS

Nas seções abaixo estão descritos o objetivo geral e os objetivos específicos deste trabalho de conclusão de curso (TCC).

1.1.1 Objetivo Geral:

Analisar os aspectos relacionados ao uso irracional de medicamentos antifúngicos no tratamento de vulvovaginites, destacando o papel do farmacêutico na dispensação de medicamentos antifúngicos voltados à saúde da mulher, com o objetivo de promover a atuação profissional nessa área.

1.1.2 Objetivos Específicos:

- Identificar os fatores que contribuem para práticas de automedicação entre mulheres no uso de antifúngicos para o tratamento de vulvovaginites;
- Delimitar os potenciais impactos associados ao uso inadequado desses medicamentos;
- Analisar a atuação do farmacêutico no atendimento primário em relação ao aconselhamento, orientação e educação sobre o uso adequado de medicamentos voltados a saúde da mulher, com ênfase no tratamento das vulvovaginites;
- Relacionar o papel do farmacêutico no incentivo ao uso consciente de medicamentos voltados à saúde da mulher com o uso irracional de medicamentos antifúngicos para tratamento das vulvovaginites;
- Explorar medidas e estratégias que possam ser adotadas para fortalecer o papel do farmacêutico na prevenção do uso irracional desses medicamentos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 USO IRRACIONAL DE MEDICAMENTOS.

2.1.1 Definição

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) entende-se que há uso racional de medicamentos quando pacientes recebem medicamentos apropriados para suas condições clínicas, em doses adequadas às suas necessidades individuais, por um período adequado e ao menor custo para si e para a comunidade. O uso irracional refere-se ao oposto, quando há utilização inadequada ou excessiva de medicamentos, sem a devida prescrição médica ou orientação farmacêutica (Paula, Campos e Souza, 2021). O que também inclui a prática da automedicação, que consiste em uma forma comum de auto atenção à saúde e se caracteriza como a utilização de um produto, natural ou sintético, com objetivo de cura, alívio ou profilaxia sem prescrição por um profissional habilitado (Silva e Quintilio, 2021), na qual o próprio paciente decide qual medicamento será utilizado e a maneira a qual irá utilizar (Castro *et. Al.*, 2007).

2.1.2 Fatores contribuintes

O grande estudo PNAUM (Pesquisa Nacional Sobre Acesso, Utilização e Promoção do Uso Racional de Medicamentos) mostrou que no Brasil, as mulheres são as maiores usuárias de medicamentos em geral, inclusive com conduta inadequada na utilização e maiores índices de automedicação na faixa de 20-39 anos (Álvares, *et. Al.*, 2016).

O uso irracional de medicamentos abrange uma grande quantidade de possíveis causas, que vão desde o não seguimento da posologia adequada até a prática da automedicação, a qual tem ocorrido ao longo da história, mas com o avanço da indústria farmacêutica, tem se agravado nas últimas décadas (Appio, 2012).

Dentre os diversos motivos que são apontados como razões pelas quais as pessoas recorrem à automedicação, destacam-se: a venda indiscriminada de medicamentos, a dificuldade de acesso aos serviços de saúde, os altos custos de consultas médicas e/ou planos de saúde, e a necessidade urgente de alívio dos sintomas (Delgado e Vriesmann, 2018).

2.1.3 Consequências

O uso irracional de medicamentos pode acarretar danos à saúde e expor os pacientes a reações adversas, intoxicações e hipersensibilidades medicamentosas, tornando-se assim uma causa de enfermidades, podendo até mesmo causar óbitos (Silva e Quintilio, 2021). Segundo a Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (Abifarma), a automedicação é uma prática muito disseminada, onde, somente no Brasil, aproximadamente 20 mil pessoas morrem por ano, vítimas de consequências da automedicação (Castro *et. al.*, 2007).

Além dos problemas previamente discutidos, é importante considerar a classe do medicamento envolvido, pois ela está associada ao potencial de danos à saúde do paciente e às possíveis interações adversas. O impacto das medicações pode variar significativamente dependendo de sua classe, o que reforça a necessidade de um uso mais controlado e consciente (Coimbra, 2004). O uso inadequado de medicamentos antimicrobianos, por exemplo, é o principal contribuinte para o aumento da resistência aos medicamentos dessa classe. Tornando uma simples infecção em um caso grave e mais difícil de se tratar, podendo assim tornarem-se fatais (Almeida e Miranda, 2020).

2.1.4 Automedicação em relação a vulvovaginites

A principal queixa das mulheres, correspondente a cerca de 70% dos motivos de consulta, são as vulvovaginites. (Xavier, Dexheimer e Conzatti, 2024). As vulvovaginites são classificadas pelo Ministério da Saúde (MS) como qualquer infecção ou inflamação na vulva, vagina e/ou no epitélio escamoso do colo uterino. Os agentes etiológicos mais frequentes são fungos, principalmente *Candida albicans*; bactérias anaeróbicas, em especial *Gardnerella vaginalis*; e o protozoário *Trichomonas vaginalis* (Brasil, 2022).

As vulvovaginites costumam manifestar sintomas semelhantes, como corrimento vaginal, prurido e dor, o que, muitas vezes, torna necessária a realização de exames laboratoriais associados à avaliação de sinais e sintomas clínicos para o diagnóstico específico. Mesmo assim, buscando o alívio desses sintomas desagradáveis, muitas mulheres não procuram serviços de saúde e realizam autodiagnósticos equivocados, com consequências adversas relacionadas a automedicação (Xavier, Dexheimer e Conzatti, 2024).

2.2 ANTIFÚNGICOS

2.2.1 Definição

Os antifúngicos são fármacos utilizados no tratamento de infecções fúngicas, localizadas principalmente na pele (micoses), nas unhas (onicomicoses) e nas mucosas (Lopes, 2022).

2.2.2 Classificação

Os antifúngicos são classificados de acordo com seu mecanismo de ação e estrutura química em diferentes classes (Brunton *et. Al.*, 2012). Dentre elas, destacam-se as citadas a seguir:

2.2.2.1 Azóis

Incluem medicamentos como o fluconazol, miconazol e clotrimazol. Os azóis agem inibindo a síntese do ergosterol, um componente essencial da membrana celular fúngica, comprometendo sua integridade e levando à morte celular (Brunton *et. Al.*, 2012).

2.2.2.2 Polienos

O principal representante desta classe é a nistatina. Os polienos se ligam ao ergosterol na membrana celular fúngica, formando poros que levam ao extravasamento do conteúdo celular e, conseqüentemente, à morte do fungo (Brunton *et. Al.*, 2012).

2.2.3 Uso de antifúngicos no tratamento de vulvovaginites

Os fungos são responsáveis pela etiologia de 20 a 25% das vulvovaginites e, dentre eles, *Candida albicans* é a espécie que apresenta a maior prevalência, sendo responsável por 80 a 92% dos casos confirmados (Duarte e Landers, 1998). O tratamento das vulvovaginites fúngicas, particularmente a candidíase, normalmente envolve o uso de antifúngicos tópicos ou

orais. O tratamento pode variar em duração, desde esquemas de dose única, como o fluconazol oral e clotrimazol no formato de comprimido vaginal, até regimes de aplicação tópica por 7 a 14 dias. A escolha do tratamento depende da gravidade da infecção, do histórico de saúde da paciente e da resposta a tratamentos anteriores (Leal *et al.*, 2016).

A abordagem terapêutica da candidíase vaginal visa principalmente o alívio dos sintomas, sem recomendação de tratamento para mulheres assintomáticas. O tratamento de parceiros sexuais é geralmente desnecessário, e as relações sexuais podem ser mantidas, embora possam causar desconforto até que os sintomas melhorem. Para infecções não complicadas, opções incluem fluconazol 150 mg via oral em dose única, ou tratamentos tópicos com antifúngicos como clotrimazol ou miconazol, aplicados via vaginal por 7 dias, ou ainda tioconazol e butoconazol em dose única. Já em infecções complicadas, como casos graves ou recorrentes, pode-se utilizar fluconazol em doses repetidas a cada 72 horas ou tratamento tópico com antifúngicos por 7 a 14 dias, além de um regime de manutenção em casos recorrentes. Em situações de resistência a azóis, o ácido bórico 3% intravaginal pode ser usado por 14 dias, sendo necessário cautela devido à possível irritação e à falta de estudos sobre uso prolongado. Infecções por *Candida* não *albicans*, como *C. glabrata* ou *C. krusei*, requerem tratamento específico com ácido bórico ou azóis. Pacientes imunocomprometidos ou com doenças crônicas necessitam de tratamentos mais prolongados, enquanto gestantes devem ser tratadas com antifúngicos tópicos como clotrimazol ou miconazol, evitando-se tratamentos orais. (Thess, 2019).

2.2.4 Riscos do uso irracional de antifúngicos no tratamento de vulvovaginites

O uso irracional de antifúngicos, especialmente no tratamento de vulvovaginites, é uma prática que pode acarretar sérios riscos à saúde pública e individual. Um dos principais problemas associados ao uso inadequado desses medicamentos é o desenvolvimento de resistência fúngica, um fenômeno que compromete a eficácia dos tratamentos e limita as opções terapêuticas disponíveis (Melatti e Schiavenin, 2023).

2.2.4.1 Desenvolvimento de Resistência

O uso contínuo e inadequado de antifúngicos favorece a seleção de cepas de fungos resistentes. Esse fenômeno é particularmente preocupante em casos de candidíase vulvovaginal recorrente, onde o tratamento repetido com os mesmos medicamentos pode resultar na seleção de espécies de *Cândida* resistentes, dificultando o tratamento e aumentando o risco de infecções persistentes (Vitiello *et. Al.*, 2023).

2.2.4.2 Efeitos Adversos

Além da resistência, o uso excessivo de antifúngicos pode provocar desequilíbrios na microbiota vaginal, contribuindo para infecções recorrentes ou para o surgimento de outras condições, como vaginose bacteriana. Outros efeitos adversos incluem reações alérgicas, irritações locais e, em casos mais graves, efeitos sistêmicos indesejados (Felix *et. al.*, 2019).

2.3 ATUAÇÃO DO FARMACÊUTICO NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

2.3.1 Definição

Inicialmente, o termo "Atenção Farmacêutica" surgiu com foco na provisão de medicamentos. No entanto, após a formulação da Política Nacional de Assistência Farmacêutica, o conceito foi integrado ao Sistema Único de Saúde (SUS) com o objetivo de fortalecer o processo de promoção da cidadania, alinhado aos princípios do direito à saúde (Cortez, Cortez e Leite, 2014). A atenção farmacêutica possui um caráter sistemático e multidisciplinar, abrangendo diversas estratégias direcionadas à promoção, proteção e recuperação da saúde do indivíduo e da coletividade, permitindo o acesso e o uso racional dos medicamentos (Costa e Andrade, 2023). Nesse contexto, é evidente a importância da atuação do farmacêutico na Assistência Farmacêutica, especialmente no âmbito da atenção primária à saúde.

A atuação do farmacêutico no atendimento primário refere-se ao papel desempenhado por esses profissionais na promoção da saúde e prevenção de doenças, atuando diretamente com os pacientes em um nível inicial de cuidados de saúde (Sarmiento *et. Al.*, 2022). Isso inclui

atividades como orientação sobre o uso correto de medicamentos, monitoramento de tratamentos, educação em saúde e aconselhamento farmacêutico (Araújo *et. Al.*, 2008).

2.3.2 Farmacêutico na saúde da mulher

As mulheres, às vezes, não têm acesso a informações da decorrência de um fármaco bem como a segurança de seu uso. A maior parte, mal sabem sobre os efeitos colaterais e nocivos que a automedicação pode gerar. Assim, é necessário a orientação correta, que garanta o uso racional dos medicamentos (Pegoraro *et al.*, 2019).

Na área ginecológica, o farmacêutico desempenha um papel crucial na prevenção, promoção e recuperação da saúde da mulher. Ele coordena o uso adequado de medicamentos e produtos dermocosméticos, além de contribuir para o diagnóstico de doenças, orientando as pacientes para o encaminhamento a centros de saúde especializados quando necessário (Santos e Lage, 2022).

2.4 FARMACÊUTICO NA MITIGAÇÃO DO USO INDISCRIMINADO DE ANTIFÚNGICOS NO TRATAMENTO DAS VULVOVAGINITES

A Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) nº 44, de 26 de outubro de 2010, do Ministério da Saúde, estabelece diretrizes para o controle da dispensação de substâncias antimicrobianas (Brasil,2010). Posteriormente, a RDC nº 20, de 5 de maio de 2011, foi criada com o objetivo de promover o uso racional desses antimicrobianos em farmácias e drogarias privadas, substituindo a RDC nº 44/2010 (Brasil, 2011).

O farmacêutico em farmácias e drogarias desempenha um papel crucial no controle do uso racional de antimicrobianos, alinhado à política de uso racional de medicamentos. Para exercer essa função de forma eficaz, é fundamental que o profissional desenvolva competências e atitudes que fortaleçam sua colaboração com a equipe de saúde e aprimorem sua interação com pacientes e a comunidade (Reginato, 2015).

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho foi uma pesquisa qualitativa que realizou uma abordagem de revisão de literatura integrativa para investigar o tema proposto, utilizando a realização de coleta de informações, por meio da seleção de artigos científicos através da consulta aos bancos de dados: Google acadêmico, *National Library of Medicine (PubMed)*, *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* e *ScienceDirect*. Além disso, foram inseridos determinados artigos manualmente, através da análise das referências dos artigos inclusos.

Foram utilizados os seguintes descritores devidamente cadastrados no Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) em português e em inglês: “uso racional de medicamentos”, “Resistência fúngica”, “automedicação” “Saúde da mulher”, “Atenção farmacêutica”, “Candidíase”, “antifúngicos”, “vulvovaginite” e seus respectivos descritores em língua inglesa: “*rational use of medicines*”, “*Fungal resistance*”, “*self-medication*”, “*women’s health*”, “*Pharmaceutical care*”, “*Candidiasis*”, “*antifungals*”, “*vulvovaginitis*”. Os descritores também foram utilizados em diferentes combinações entre si: “uso racional de medicamentos, Saúde da mulher”; “vulvovaginite, Atenção farmacêutica”; “Candidíase, Resistência fúngica, automedicação”; “antifúngicos, automedicação, vulvovaginite”, para melhorar a captação de resultados dependendo da base de dado utilizada.

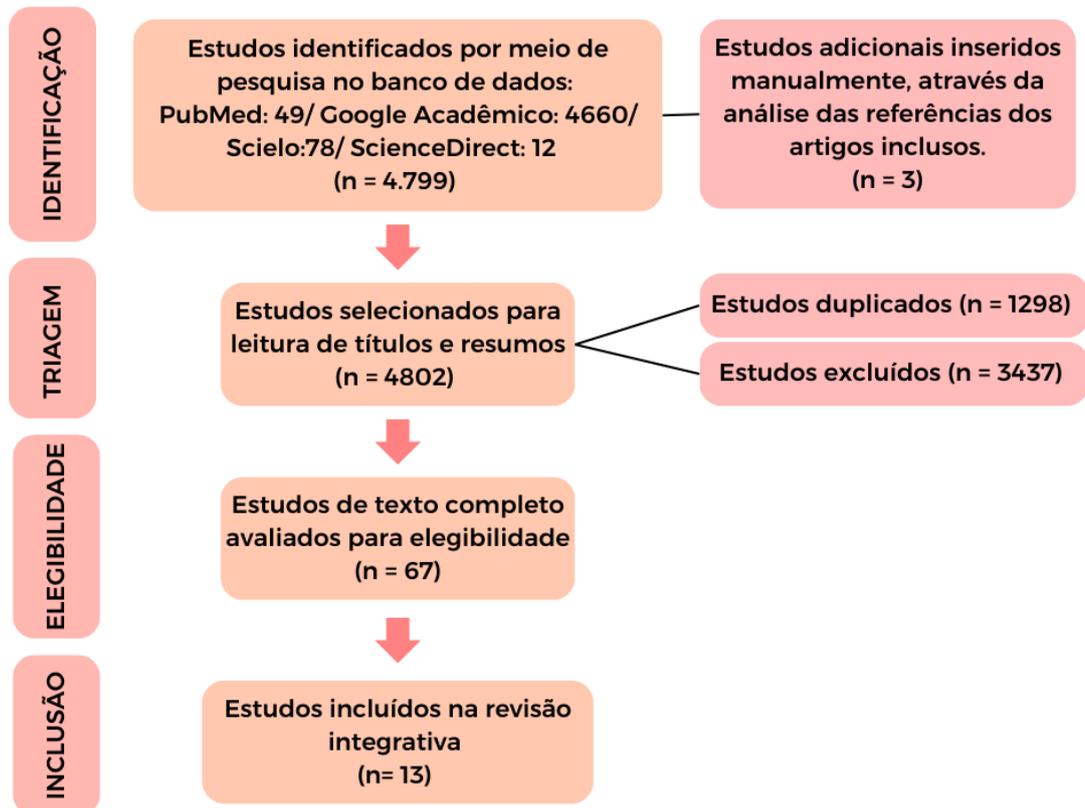
Para elaborar esta revisão, foram escolhidos artigos publicados em várias áreas de pesquisa, que abordam a relevância do papel do farmacêutico frente à dispensação adequada de medicamentos relacionados à saúde da mulher, destacando os antifúngicos no tratamento de vulvovaginites. Foram incluídos artigos publicados no período de janeiro de 2019 a dezembro de 2023, com disponibilidade de texto completo em formato eletrônico e selecionados a partir da leitura do título, resumo e artigo por completo. Aqueles artigos que não se enquadram no tema abordado ou que apresentavam informações dubitáveis foram eliminados ao longo do processo de pesquisa. O critério de exclusão abrangeu artigos que não abordaram o tema proposto, bem como aqueles publicados anteriormente a 2019 e redigidos em idiomas, que não fossem o português ou o inglês.

Os artigos, após passar por todas as triagens de análise e serem selecionados, foram baixados, salvos em pasta própria, renomeados em (título e ano) e lidos por completo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a aplicação da metodologia de busca por artigos descrita acima, nas quatro bases de dados mencionadas anteriormente, foram inicialmente encontrados 49 resultados no *PubMed*, 4660 artigos no *Google Acadêmico*, 78 trabalhos na *Scielo* e 12 artigos no *ScienceDirect* dentro da estratégia aplicada. Após submeter os 4.799 trabalhos às etapas subsequentes de exclusão, restaram 67 artigos, que foram posteriormente submetidos às etapas de filtragem, que incluíram a leitura dos títulos, resumos e dos artigos na íntegra, restaram 13 artigos, como mostra na Figura 1:

Figura 1 – Fluxograma da seleção dos artigos incluídos na revisão integrativa.



Fonte: A autora (2024)

Os treze artigos selecionados estão identificados no quadro 1 abaixo, de acordo com o ano, autor, país de origem e título.

Quadro 1 – Artigos selecionados

(n)	Ano	Autor	País	Artigo (Título)
1	2023	Freitas <i>et. al.</i>	Brasil	Perfil epidemiológico das usuárias com vulvovaginites atendidas no Ambulatório Escola do ITPAC - Porto Nacional
2	2022	Rodrigues <i>et. al.</i>	Brasil	Prevalência de vulvovaginites em mulheres da zona rural
3	2021	Arechavalaa <i>et. al.</i>	Argentina	A vulvovaginite crônica recorrente não é causada apenas por Cândida
4	2020	Alves <i>et. al.</i>	Brasil	Perfil etiológico e epidemiológico das vulvovaginites que acometem mulheres em uma cidade do estado de Tocantins
5	2023	Xavier.	Brasil	Avaliação do conhecimento das mulheres relacionado às vulvovaginites e à saúde ginecológica
6	2019	Alves <i>et. al.</i>	Brasil	Práticas de tratamentos encontradas por mulheres no combate as vulvovaginites mais frequentes no período reprodutivo
7	2020	Oliveira e Schmidt.	Brasil	Espécies de Cândia causadoras de vulvovaginites e resistência aos antifúngicos utilizados no tratamento
8	2020	Menz <i>et. al.</i>	Brasil	Atenção farmacêutica no contexto de um Projeto de Extensão com vistas ao atendimento de pacientes com candidíase vaginal tendo como estratégia realizar o teste de resistência aos antifúngicos e a prevenção da saúde comunitária
9	2020	Almeida e Miranda.	Brasil	A importância do farmacêutico na dispensação e controle de medicamentos classificados como antimicrobianos.
10	2022	Santos e Lage.	Brasil	Atenção farmacêutica no âmbito da saúde íntima da mulher
11	2023	Melatti e Schiavenin.	Brasil	Candidíase vulvovaginal: Cuidado farmacêutico na farmácia comunitária
12	2021	Silva <i>et. al.</i>	Brasil	Papel do farmacêutico clínico no tratamento de vulvovaginites

Continuação do quadro 1 – Artigos selecionados

13	2022	Silva.	Brasil	Candidíase vulvovaginal de repetição-causas, intervenções medicamentosas e profilaxia: revisão integrativa.
----	------	--------	--------	---

Fonte: A autora, 2024

4.1 AUTOMEDICAÇÃO ENTRE MULHERES NO USO DE ANTIFÚNGICOS PARA O TRATAMENTO DE VULVOVAGINITES

4.1.1 Perfil das pacientes

No que diz respeito ao perfil das pacientes, um estudo conduzido entre 2017 e 2022 no ambulatório-escola da Faculdade Presidente Antônio Carlos (FAPAC/Porto Nacional), traçou o perfil de mulheres com vulvovaginites. A pesquisa revelou que a idade média das pacientes atendidas era de 37,31 anos, com uma mediana de 36,6 anos. Em relação ao estado civil, 44,55% das participantes eram solteiras. Quanto às características ginecológicas observadas, o estudo destacou que o corrimento foi o sintoma predominante, presente em 58,42% dos casos. Outros sintomas relatados incluíram prurido em 26,67% das pacientes, odor em 30,69%, disúria em 18,81% e dispareunia em 30,69% dos casos (Freitas *et. al.*, 2023).

Em outro estudo que analisou a prevalência de vulvovaginites em mulheres da zona rural, foram coletados dados de 105 participantes. A maioria das mulheres era composta por aquelas com mais de 51 anos (28,57%), solteiras (51,4%) e que já haviam passado por mais de 4 partos (34,2%). As principais queixas relatadas incluíram a presença de leucorreia, destacando-se a leucorreia fétida (11,4%) e a leucorreia acompanhada de prurido (10,4%) (Silva *et. al.*, 2021).

Para melhor análise dos dados citados acima foi construída, com os dados passíveis de comparação entre os estudos, a Tabela 1, onde é possível observar que as semelhanças encontradas entre os grupos analisados são em relação a sintomatologia apresentada. A importância em traçar o perfil das pacientes é que a partir disso, há uma contribuição para a avaliação farmacêutica em questões como Identificação de fatores de risco, educação, conscientização, monitoramento e acompanhamento das pacientes (Foppa *et. al.*, 2014).

Tabela 1 – Dados passíveis de comparação entre os estudos: Perfil epidemiológico das usuárias com vulvovaginites atendidas no Ambulatório Escola do ITPAC - Porto Nacional (Rodrigues *et. al.*, 2023) e Prevalência de vulvovaginites em mulheres da zona rural (Rodrigues *et. al.*, 2022).

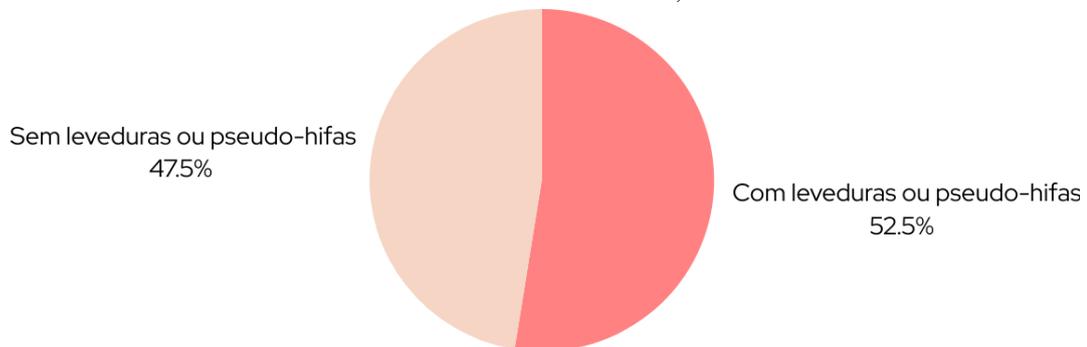
Estudo	Ambulatório-Escola (FAPAC/Porto Nacional) - 2017 a 2022	Zona Rural - 2021
Idade	Média: 37,31	Mulheres acima de 51 anos (28,57%)
Estado Civil	44,55% Solteiras (Minoria)	51,4% Solteiras (maioria)
Sintomas	Corrimento (58,42%) Odor (30,69%) Prurido (26,67%) Disúria (18,81%) Dispareunia (30,69%)	Leucorreia fétida (11,4%) Leucorreia com prurido (10,4%)

Fonte: A autora, 2024

4.1.2 Agente etiológico da vulvovaginite

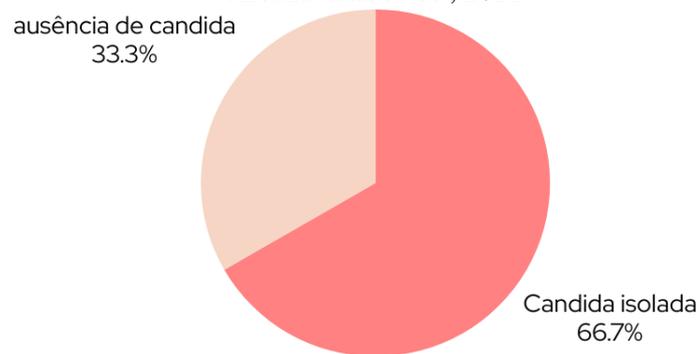
No que diz respeito à prevalência do agente etiológico causador, o estudo descrito no artigo "A vulvovaginite crônica recorrente não se deve apenas a *Cândida*", foi realizado de forma transversal retrospectiva em prontuários médicos de pacientes, que buscaram tratamento para candidíase vaginal recorrente em um centro de micologia privado entre junho de 2008 e dezembro de 2019. Entre as 329 pacientes inicialmente incluídos, 13 foram excluídos por falta de exames micológicos. Nos 316 pacientes restantes, com idades entre 16 e 82 anos e mediana de 34 anos, apenas 52,5% dos exames microscópicos diretos mostraram a presença de leveduras ou pseudo-hifas, e *Candida* foi isolada em cultura em 66,8% dos casos, dados expressos nos gráficos 1 e 2, respectivamente. (Arechavalaa *et. al.*, 2021), mostrando que cerca de 104,9 mulheres tiveram diagnósticos equivocados e conseqüentemente, tratamentos inadequados à causa de sua condição.

Gráfico 1 – Porcentagem das amostras com presença ou ausência de Leveduras ou pseudo-hifas no estudo de Arechavalaa *et. al.*, 2021



Fonte: A autora, 2024

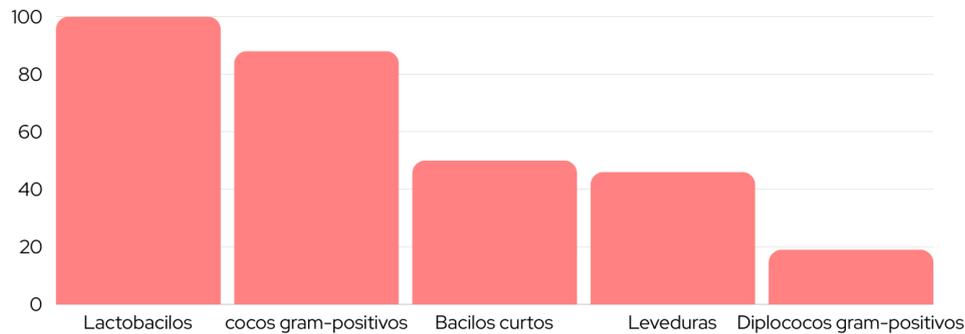
Gráfico 2 – Porcentagem das amostras com presença ou ausência de *Candida* no estudo de Arechavalaa *et. al.*, 2021



Fonte: A autora, 2024

Outro estudo, realizado no Tocantins, entre agosto de 2018 e agosto de 2019, foram coletadas 74 amostras de secreção vaginal de mulheres com idades entre 15 e 40 anos, independentemente da presença de sintomas de vulvovaginites. Dessas, 56 amostras puderam ser analisadas microscopicamente, enquanto 18 lâminas foram comprometidas e impossibilitadas de leitura. Entre as amostras, apenas três pacientes apresentaram sintomas de infecções vaginais recentes, como prurido e corrimento, mas apenas uma dessas teve um resultado laboratorial compatível com a doença estudada. A análise microscópica das 56 amostras revelou os dados contidos no gráfico 3 onde, 100% apresentavam lactobacilos, 88% cocos gram-positivos, 50% bacilos curtos, 46% leveduras e 19,6% diplococos gram-positivos (Alves *et. al.*, 2021).

Gráfico 3 – Porcentagem dos agentes etiológicos encontrados nas amostras do estudo de Alves *et. al.*, 2020



Fonte: A autora, 2024

Com bases nos dados fornecidos pelos estudos citados anteriormente, é possível observar que, o agente causador da vulvovaginite é diverso e o tratamento com antifúngicos pode ser inefetivo, devido à ausência da confirmação do agente etiológico.

4.1.3 Automedicação e tratamentos utilizados

O artigo “Avaliação do conhecimento das mulheres relacionado às vulvovaginites e à saúde ginecológica”, traz um estudo transversal que foi conduzido entre março e abril de 2022, entrevistando 175 mulheres com mais de 18 anos, por meio de um questionário *online* disponível nas plataformas *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*. O questionário, composto por 20 perguntas, abordou variáveis como idade, profissão, conhecimento sobre vulvovaginites, incidência e prevalência dessas infecções, formas de diagnóstico e tratamento, e como as pacientes lidam com os sintomas específicos. Após a exclusão de 34 questionários preenchidos incorretamente, a amostra final consistiu em 141 respostas. Entre as participantes, 94,3% (133 mulheres) relataram já ter enfrentado alguma infecção vaginal, embora apenas 50,4% tenham realizado coleta de secreção vaginal, para a confirmação do diagnóstico. Quanto aos agentes causadores, *Candida* sp. foi o mais frequentemente mencionado, representando 75,2% dos casos relatados. Das 141 participantes, 46,8% (66 mulheres) indicaram que consultaram um profissional de saúde que realizou o diagnóstico de vulvovaginite sem a confirmação laboratorial. Além disso, 84,4% (119 mulheres) afirmaram ter utilizado algum medicamento, sendo os mais comuns os antifúngicos orais (68 respostas) e os antibióticos (70 respostas). O estudo também revelou que 42% das participantes optaram pela automedicação. Um dado

preocupante é que o antifúngico oral, frequentemente utilizado para tratar candidíase, foi utilizado por 48% das mulheres, número que supera o das que realizaram exames para confirmar a doença, o que reflete a facilidade de acesso a esse medicamento, que é vendido sem a necessidade de receita médica (Xavier, 2024).

Em outro estudo, que incluiu mulheres de 20 a 39 anos que trabalham em uma instituição do Sistema Único de Saúde (SUS), foi aplicado um formulário semiestruturado para avaliar o conhecimento sobre tratamento utilizados por elas para vulvovaginites. O estudo revelou que as participantes possuíam um conhecimento limitado sobre os diferentes tipos de corrimentos vaginais. Além disso, foi observado que algumas delas praticavam a automedicação e mencionaram a adoção de tratamentos empíricos sem orientação adequada (Alves *et. al.*, 2019).

Com isso, analisa-se que a automedicação em relação a vulvovaginites é uma realidade preocupante, tendo em vista que a maioria dos pacientes havia sido tratada com antifúngicos, com ou sem confirmação microbiológica.

4.2 CONSEQUÊNCIAS DO USO INADEQUADO DE ANTIFÚNGICOS

O aumento do uso de antifúngicos e o tratamento prolongado sem supervisão são fatores de risco para o surgimento de espécies de *Candida* resistentes aos fármacos mencionados anteriormente. (Oliveira e Schmidt, 2021). Dois artigos (Oliveira, Schmidt, 2021 e Barbosa, Caetano e Ferreira, 2023) trazem informações relevantes sobre as consequências do uso indiscriminado de antifúngicos.

Um estudo transversal foi realizado com 180 pacientes atendidas no Laboratório Municipal de Análises Clínicas e Ambientais, Chapecó, SC, Brasil, no período de fevereiro a abril de 2012. Das amostras de secreções vaginais obtidas, 52 (28,9%) apresentaram crescimento de levedura no meio de cultura seletivo e, portanto, foram utilizadas em análises posteriores entre os antifúngicos analisados, observou-se que a maioria dos isolados de *Candida* foram sensíveis ao cetoconazol e mais de 70% apresentaram suscetibilidade ao fluconazol, itraconazol e miconazol. No entanto, foi verificado nos testes *in vitro* de miconazol e nistatina que 37% e cerca de metade dos isolados, respectivamente, apresentaram resistência ou suscetibilidade dose-dependente (Oliveira e Schmidt, 2021).

Em outro estudo, realizado no Laboratório de Análises Clínicas e Toxicológicas

(LACT) da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), focado no atendimento de pacientes com candidíase vaginal, tendo como estratégia realizar o teste de resistência aos antifúngicos, 75 amostras foram testadas, como resultado o fluconazol apresentou resistência em 75% das espécies testadas e em 25% foram sensíveis dose dependente. O itraconazol e o cetoconazol apresentaram resistência de 36,1% e 22,2% respectivamente (Menz *et. al.*, 2020).

Perante os dados obtidos, Menz *et. al.*, 2020, traz que pode-se observar a existência de casos de resistência por parte das espécies de *Candida* spp. e o antifúngicos que tem apresentado maior resistência pelas espécies estudadas foi o fluconazol, o que está muito relacionado ao seu uso exacerbado em profilaxias e tratamento sem o correto diagnóstico (Menz *et. al.*, 2020), o que indica a necessidade de realização de testes de sensibilidade aos antifúngicos, previamente à prescrição dos medicamentos. Isso pode contribuir para a redução de casos recorrentes de candidíase vulvovaginal (CVV) provocados por exposição repetida aos medicamentos (Oliveira e Schmidt, 2020).

4.3 O PAPEL DO FARMACÊUTICO NA PROMOÇÃO DO USO CONSCIENTE DE MEDICAMENTOS NO TRATAMENTO DAS VULVOVAGINITES

Cinco artigos (Santos e Lage, 2022; Almeida e Miranda, 2020; Menz *et. al.* 2020; Melatti e Schiavenin, 2023; Silva *et. al.*, 2019) trouxeram informações relevantes sobre o papel do farmacêutico na promoção do uso racional de medicamentos no tratamento das vulvovaginites, com ênfase nos antifúngicos. Para melhor elucidação, o quadro 2 apresenta um resumo das informações mais relevantes trazidas pelos autores.

Quadro 2 – Resumo das informações mais relevantes trazidas pelos autores Santos e Lage, 2022; Almeida e Miranda, 2020; Menz *et. al.* 2020; Melatti e Schiavenin, 2023; Silva *et. al.*, 2019

Estudo	Informação 1	Informação 2	Informação 3
Santos e Lage, 2022	No campo ginecológico, o farmacêutico desempenha um papel crucial na prevenção, promoção e recuperação da saúde da mulher.	É responsável por guiar a paciente na busca por tratamento e Alerta sobre os riscos da automedicação.	Pode sugerir ações de forma segura e implementar tratamentos não farmacológico.

Continuação do quadro 2 - Resumo das informações mais relevantes trazidas pelos autores Santos e Lage, 2022; Almeida e Miranda, 2020; Menz *et. al.* 2020; Melatti e Schiavenin, 2023; Silva *et. al.*, 2019

Almeida e Miranda, 2020	Na dispensação de medicamentos antimicrobianos, o papel fundamental do farmacêutico em farmácias e drogarias está diretamente ligado à implementação de políticas que promovam o uso racional desses medicamentos.	Desenvolva atitudes e habilidades que favoreçam a colaboração com a equipe de saúde e permitam uma interação eficaz com os pacientes e a comunidade.	
Menz <i>et. al.</i> 2020	Muitas mulheres que iniciam um tratamento com antifúngicos para o tratamento de vulvovaginites recaem frequentemente, levantando dúvidas sobre a eficácia dos medicamentos.	Acompanhamento farmacêutico contínuo é essencial.	Acompanhamento garante o uso adequado e correto das medicações, especialmente as de uso vaginal.
Melatti e Schiavenin, 2023	O farmacêutico, como um dos últimos profissionais de saúde a interagir diretamente com a paciente.	O farmacêutico ocupa uma posição estratégica que lhe permite otimizar a farmacoterapia.	O farmacêutico orienta tanto sobre medidas farmacológicas quanto sobre intervenções não farmacológicas.
Silva <i>et. al.</i> , 2019	A orientação do farmacêutico clínico é crucial para direcionar as pacientes ao tratamento adequado.	Ele alerta sobre os riscos da automedicação e fornecendo práticas que podem ser realizadas concomitantemente ao tratamento.	Também alertar sobre interações entre antibióticos, antifúngicos e métodos contraceptivos.

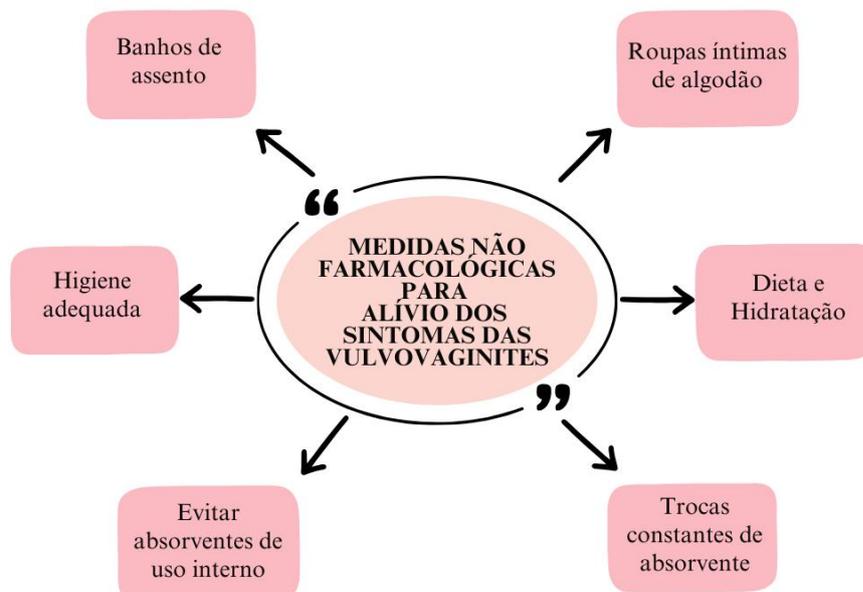
Fonte: A autora, 2024

Santos e Lage (2022) destacam que, no campo ginecológico, o farmacêutico desempenha um papel crucial na prevenção, promoção e recuperação da saúde da mulher. Esse profissional atua coordenando o uso de medicamentos e produtos dermocosméticos, além de auxiliar no diagnóstico de doenças, orientando a paciente sobre a necessidade de encaminhamento para um centro de saúde especializado.

Ainda segundo Santos e Lage (2022), a orientação fornecida pelo farmacêutico clínico é essencial para guiar a paciente na busca por um tratamento adequado, incentivando-a a consultar um médico ginecologista para obter o diagnóstico correto, ao mesmo tempo em que alerta sobre os riscos da automedicação inadequada. O farmacêutico também instrui a paciente sobre as ações que ela pode realizar de forma segura, em conjunto com o tratamento prescrito (Santos e Lage, 2022).

Além dessas responsabilidades, os autores trazem que o farmacêutico também contribui para a implementação de tratamentos não farmacológicos. Ações educativas voltadas para a saúde íntima da mulher são uma parte importante dessa contribuição, ajudando a complementar o tratamento. Na figura 2, são apresentadas algumas das medidas não farmacológicas mencionadas pelos autores para o alívio dos sintomas.

Figura 2 – Medida não farmacológicas para alívio dos sintomas das vulvovaginites segundo Santos e Lage (2022).



Fonte: A Autora (2024)

Na dispensação de medicamentos antimicrobianos, conforme Almeida e Miranda (2020), o papel fundamental do farmacêutico em farmácias e drogarias está diretamente ligado à implementação de políticas que promovam o uso racional desses medicamentos. Para desempenhar essa função de maneira eficaz, é crucial que o farmacêutico desenvolva atitudes e habilidades que favoreçam a colaboração com a equipe de saúde e permitam uma interação eficaz com os pacientes e a comunidade.

Menz *et al.* (2020) destacam que muitas mulheres que iniciam um tratamento com antifúngicos para o tratamento de vulvovaginites recaem frequentemente, levantando dúvidas sobre a eficácia dos medicamentos. Esse problema pode ser minimizado com o acompanhamento contínuo de um farmacêutico, que desempenha um papel essencial na prescrição e orientação sobre o uso adequado dos medicamentos, especialmente em relação à aplicação correta de medicações vaginais e à prática de uma higiene genital adequada.

Dessa forma, ao combater o uso inadequado, indiscriminado e excessivo de antimicrobianos, o farmacêutico contribui significativamente para a redução da resistência microbiana. Além disso, essa atuação é crucial para diminuir os casos de infecção hospitalar, uma vez que esses fatores estão intimamente relacionados (Almeida e Miranda, 2020).

Segundo Melatti e Schiavenin (2023), o farmacêutico, como um dos últimos profissionais de saúde a interagir diretamente com a paciente, ocupa uma posição estratégica que lhe permite otimizar a farmacoterapia, fornecendo orientações tanto sobre medidas farmacológicas quanto sobre intervenções não farmacológicas.

Por fim, Silva *et al.*, em 2019, abordou que a orientação do farmacêutico clínico é crucial para direcionar as pacientes ao tratamento adequado, alertando sobre os riscos da automedicação e fornecendo instruções sobre práticas que podem ser realizadas concomitantemente ao tratamento. Isso inclui indicações de banhos de assento com vinagre ou bicarbonato, prescrição de medicamentos fitoterápicos, antissépticos vaginais e antifúngicos tópicos, e recomendações sobre hábitos de vida e uso de lubrificantes. Além disso, o farmacêutico deve alertar sobre interações entre antibióticos, antifúngicos e métodos contraceptivos. Em casos de infecções recorrentes, como candidíase, o farmacêutico pode monitorar a patologia e acompanhar a evolução do quadro clínico. Em suma, o farmacêutico clínico desempenha um papel essencial no tratamento adequado das vulvovaginites, assegurando o uso correto dos medicamentos e a eficácia da terapia.

4.3.1 Estratégias Propostas para Fortalecer a Atuação Farmacêutica

Em relação à abordagem correta durante o atendimento, Silva (2022) traz que a vulvovaginite nem sempre é a queixa principal, mas frequentemente emerge ao se explorar a saúde geral e o ciclo menstrual da paciente. Nesse momento, é essencial fazer uma análise situacional completa. Assim, os problemas existentes e potenciais são identificados, permitindo a elaboração de um plano de cuidados em conjunto com a paciente. Esse plano deve incluir orientações para ajustar o estilo de vida, além de prescrição de medicamentos que ajudem a melhorar o sono, reduzir o estresse e regular a função intestinal, utilizando ativos como triptofano, magnésio e probióticos.

Para os casos agudos, podem ser prescritas medidas não farmacológicas, anteriormente citadas na Figura 1. Além disso, o acompanhamento farmacoterapêutico deve ser mensal, para monitorar e reduzir os episódios de CVV. Para proporcionar uma orientação mais eficaz, pode ser necessário um espaço privativo de atendimento, garantindo um ambiente adequado para o cuidado direto ao paciente (Silva, 2022).

5 CONCLUSÃO

O estudo realizado evidenciou a importância central do farmacêutico na promoção do uso racional de medicamentos, com ênfase no contexto das vulvovaginites, uma condição ginecológica recorrente e frequentemente tratada de forma equivocada. Ao ter atuação direta na orientação, educação e monitoramento das pacientes, o farmacêutico exerce um papel extremamente relevante na mitigação do uso indiscriminado de antifúngicos e na redução da automedicação, fatores que, como visto anteriormente, contribuem para a resistência microbiana e complicações clínicas.

Os resultados demonstraram que, além de fornecer medicamentos, o farmacêutico deve ser visto como um profissional de saúde capaz de identificar fatores de risco, orientar sobre medidas preventivas e promover práticas de saúde adequadas. Isso inclui a importância da consulta farmacêutica personalizada, onde o paciente recebe atenção integral, abordando tanto os aspectos farmacológicos quanto os não farmacológicos do tratamento.

A pesquisa também trouxe a necessidade de um trabalho interprofissional, em que o farmacêutico colabora com outros profissionais de saúde, como ginecologistas, para assegurar um cuidado mais eficaz e integrado. A conscientização das pacientes sobre os riscos da automedicação e a correta utilização dos medicamentos, associada a uma abordagem educativa e preventiva, são fundamentais para o sucesso do tratamento das vulvovaginites e para a promoção da saúde da mulher de forma ampla.

Por fim, este trabalho contribuiu para o reconhecimento do papel estratégico do farmacêutico na assistência à saúde da mulher, destacando a importância de políticas que fortaleçam a capacitação e a atuação desse profissional em farmácias e drogarias, garantindo assim um cuidado mais seguro e eficaz para a população feminina.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Cristina et al. Manual de boas práticas literacia em saúde: Capacitação dos profissionais de saúde. 2019.
- ALMEIDA, Raquel da Costa; DE MIRANDA, Camila Vicente. A importância do farmacêutico na dispensação e controle de medicamentos classificados como antimicrobianos. *Revista Saúde Multidisciplinar*, v. 7, n. 1, 2020.
- ÁLVARES, Juliana et al. Pesquisa nacional sobre acesso, utilização e promoção do uso racional de medicamentos: métodos. *Revista de Saúde Pública*, v. 51, p. 4s, 2017.
- ALVES, Geisa Barbosa et al. Perfil etiológico e epidemiológico das vulvovaginites que acometem mulheres em uma cidade do estado de Tocantins. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 13, n. 2, p. e5383-e5383, 2021.
- ANGONESI, Daniela; SEVALHO, Gil. Atenção Farmacêutica: fundamentação conceitual e crítica para um modelo brasileiro. *Ciência & saúde coletiva*, v. 15, p. 3603-3614, 2010.
- APPIO, Alexandre João. *Dinâmica social da automedicação*. 2012.
- ARAÚJO, Aílson da Luz André de et al. Perfil da assistência farmacêutica na atenção primária do Sistema Único de Saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 13, p. 611-617, 2008.
- ARAUJO, Briana Blanco; COUTINHO, Lohayne Marins Teixeira Rossi. Uma abordagem geral das vulvovaginites: candidíase vulvovaginal e vaginose bacteriana. *Revista Eletrônica Acervo Médico*, v. 23, n. 6, p. e13580-e13580, 2023.
- ARECHAVALAA, Alicia. A vulvovaginite crônica recorrente não é causada apenas por Cândida. *Revista Ibero-Americana de Micologia*, 2021.
- BORTOLON, Paula Chagas et al. Análise do perfil de automedicação em mulheres idosas brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 13, p. 1219-1226, 2008.
- BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) nº 44, de 26 de outubro de 2010. Estabelece as condições para o uso de medicamentos e produtos correlatos. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 27 out. 2010. Seção 1, p. 22-24.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Brasília, 2022.
- BRUNTON, Laurence L.; HILAL-DANDAN, Randa; KNOLLMANN, Björn C. *As Bases Farmacológicas da Terapêutica de Goodman e Gilman-13*. Artmed Editora, 2018.
- CASTRO, Helena C.; SANTOS, Dilvani O.; RODRIGUES, Carlos R. AutoMEDICAção: EntEndEMoS o RISCO? *Infarma-Ciências Farmacêuticas*, v. 19, n. 11/12, p. 33-36, 2007.
- COELHO, E. de A. C. et al. Integralidade do cuidado à saúde da mulher: limites da prática profissional. *Escola Anna Nery*, v. 13, n. 1, p. 154-160, jan. 2009.

COIMBRA, Jorseli Angela Henriques. Conhecimento dos conceitos de erros de medicação, entre auxiliares de enfermagem como fator de segurança do paciente na terapêutica medicamentosa. 2004. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

CORTEZ, Daniela Xavier; CORTEZ, Francisca de Oliveira Xavier; LEITE, Renata Miranda. Assistência farmacêutica no SUS. *Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia*, v. 2, n. 5, 2014.

DA COSTA OLIVEIRA, Viviane; ANDRADE, Leonardo Guimarães. Atuação do farmacêutico na atenção primária à saúde. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 9, n. 4, p. 9434-9446, 2023.

DA SILVA, Joycy Carvalho; QUINTILIO, Maria Salete Vaceli. Automedicação e o uso indiscriminado dos medicamentos: o papel do farmacêutico na prevenção. *Revista de Iniciação Científica e Extensão*, v. 4, n. 2, p. 685-692, 2021.

DA SILVA PAULA, Claudia Costa; CAMPOS, Renata Bernardes Faria; DE SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes. Uso irracional de medicamentos: uma perspectiva cultural. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 3, p. 21660-21676, 2021.

DELGADO, Arthur Ferreira; VRIESMANN, Lucia Cristina. O perfil da automedicação na sociedade brasileira. *Revista Saúde e Desenvolvimento*, v. 12, n. 11, p. 57-75, 2018.

DOS SANTOS ALVES, Juliana Carla et al. Práticas de tratamentos encontradas por mulheres no combate as vulvovaginites mais frequentes no período reprodutivo. *Anais de enfermagem do unifunc*, v. 5, n. 5, 2019.

FELIX, Thais Chimati et al. Vulvovaginite em mulheres atendidas em serviço de Atenção Primária à Saúde da Família: ocorrência e hábitos de higiene. 2019.

FREITAS, Karine Chaves et al. Perfil epidemiológico das usuárias com vulvovaginites atendidas no Ambulatório Escola do ITPAC-Porto Nacional. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 6, n. 3, p. 10948-10958, 2023.

FOPPA, Aline Aparecida et al. Qualificação do Serviço Farmacêutico Clínico a partir dos dados de Seguimento Farmacoterapêutico a indivíduos com Doença de Parkinson. 2014.

LOPES, Ana Carolina Silva. Monitorização de antifúngicos em matrizes ambientais. 2022. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo.

LEAL, Mariana Robatto Dantas et al. Tratamento da candidíase vulvovaginal e novas perspectivas terapêuticas: uma revisão narrativa. *Revista Pesquisa em Fisioterapia*, v. 6, n. 4, 2016.

MATOS, Januária Fonseca et al. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. *Cadernos Saúde Coletiva*, v. 26, n. 1, p. 76-83, 2018.

MELATTI, Nicole Menin; SCHIAVENIN, Ariane. Candidíase vulvovaginal: cuidado farmacêutico na dispensação de antifúngicos na farmácia comunitária. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 9, n. 6, p. 3204-3219, 2023.

MENZ, Milena Luisa et al. Atenção farmacêutica no contexto de um projeto de extensão com vistas ao atendimento de pacientes com candidíase vaginal tendo como estratégia realizar o teste de resistência aos antifúngicos e a prevenção da saúde comunitária. *Scientific Electronic Archives*, v. 13, n. 9, p. 91-98, set. 2020.

OLIVEIRA, Diego Luan; SCHMIDT, Juliana Cristina. Espécies de *Candida* causadoras de vulvovaginites e resistência aos antifúngicos utilizados no tratamento. *Saúde e Pesquisa*, v. 14, n. 1, p. 8022, 2021.

PASQUAL, K. K.; CARVALHAES, M. A. DE B. L.; PARADA, C. M. G. DE L. Health care for women over 50: programmatic vulnerability in the Family Health Strategy. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 36, n. 2, p. 21–27, abr. 2015.

PEGORARO, Cristiane Martinez Ruiz et al. Caracterização da prática de automedicação com analgésicos para o tratamento da dor. In: *Colloquium Vitae*. 2019. p. 85-91.

RAMOS, Hayssa Moraes Pintel et al. Descarte de medicamentos: uma reflexão sobre os possíveis riscos sanitários e ambientais. *Ambiente & Sociedade*, v. 20, p. 145-168, 2017.

REGINATO, Fernanda Ziegler. O uso de antibióticos e o papel do farmacêutico no combate à resistência bacteriana. 2015.

RODRIGUES, Herica Jovita Carvalho et al. Prevalência de vulvovaginites em mulheres da zona rural. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 3, p. e2611326192-e2611326192, 2022.

SANTOS, Lara Iza Furtado; LAGE, Michaely Wagner. Atenção farmacêutica no âmbito da saúde íntima da mulher. 2022.

SANTOS, L. I. F.; LAGE, M. W. Atenção farmacêutica no âmbito da saúde íntima da mulher. Disponível em: <http://65.108.49.104:80/xmlui/handle/123456789/614>. Acesso em: out. 2022.

SARMENTO, Diogo Parreira et al. O farmacêutico clínico na farmácia comunitária. In: *Farmácia Clínica e Atenção Farmacêutica em Drogaria*, p. 60, 2020.

SILVA, Maria Eduarda Calumby da. Candidíase vulvovaginal de repetição-causas, intervenções medicamentosas e profilaxia: revisão integrativa. 2022.

SOARES, Dagmar Mercado et al. Candidíase vulvovaginal: uma revisão de literatura com abordagem para *Candida albicans*. *Brazilian Journal of Surgery & Clinical Research*, v. 25, n. 1, 2018.

SILVA, Nezziany Cezario et al. Papel do farmacêutico clínico no tratamento de vulvovaginites. In: *Simpósio Regional de Ciência, Tecnologia e Inovação da Amazônia Ocidental*. ISSN: 2763-552X, n. 3, 2021.

THEES, Vanessa. Qual a melhor abordagem terapêutica na candidíase. Portal Afya. Disponível em: <https://portal.afya.com.br/ginecologia-e-obstetricia/whitebook-qual-a-melhor-abordagem-terapeutica-na-candidiase>. Acesso em: 17 out. 2024.

VIDOTTI, Carlos Cezar Flores; DA SILVA, Emília Vitória. Elementos para apoiar a prática farmacêutica na farmácia comunitária.

VITIELLO, Antonio et al. Resistência a medicamentos antifúngicos: uma ameaça emergente à saúde. *Biomedicinas*, v. 11, n. 4, p. 1063, 2023.

XAVIER, Vitória Dresch; DEXHEIMER, Geórgia Muccillo; CONZATTI, Maiara. Avaliação do conhecimento das mulheres relacionado às vulvovaginites e à saúde ginecológica. In: *Perda do desejo sexual no climatério. Um fenômeno fisiológico?*, v. 52, n. 7, p. 453-60, 2024.